



Triste, solitária, louca, antipática, má ou feminista: da (des)qualificação à reação da mulher desencaixada, no conto “Progressões de Balcão” de Clara Averbuck

Sad, lonely, crazy, unsympathetic, bad or feminist: from (un)qualifying to the reaction of the undocked woman, in the short story "Progressões de Balcão" by Clara Averbuck

Antonio Ismael Lopes de Sousa¹
Ana Cristina Teixeira de Brito Carvalho²
Gisélia Brito dos Santos³
Lilian Castelo Branco de Lima⁴

RESUMO:

Este trabalho tem por objetivo analisar a tônica do feminismo, seus entraves, suas nuances e suas implicações práticas, com base no conto “Progressões de Balcão”, de Clara Averbuck, especialmente sobre a perspectiva do hibridismo da literatura contemporânea, dos estudos de sociedade, e suas intersecções com fatores emocionais femininos.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Hibridismo. Feminismo. Emoções.

ABSTRACT:

This paper aims to analyze the feminism theme, its obstacles, its nuances and its practical implications, based on the short story "Progressões de Balcão", by Clara Averbuck, especially on the perspective of hybridism of contemporary literature, society studies, and its intersections with female emotional factors.

KEYWORDS: Literature. Hybridism. Feminism. Emotions.

Introdução

¹ Graduado em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão e Mestrando em Letras pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão, Imperatriz, Maranhão, Brasil e Assistente Administrativo na Universidade Federal do Maranhão. E-mail: ismael.sousa@uemasul.edu.br.

² Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Mestra em Estudos Literários pela Universidade Federal do Piauí, Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: ana.carvalho@uemasul.edu.br.

³ Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão, Mestra em Letras e Linguística pela Universidade Federal do Goiás, Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás. E-mail: giselia.santos@ufma.br.

⁴ Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão, Mestra em Letras pela Universidade Federal do Piauí, Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Pará. E-mail: liliancastelo@uemasul.edu.br.

“Qual é o lugar da mulher?” Se buscarmos essa resposta na produção literária até o século XIX, o que se observa é a tímida, quase escassa, presença de uma escrita de autoria feminina. Virginia Woolf, para ilustrar essa realidade, faz uma suposição de que uma mulher nos tempos de Shakespeare, mesmo àquelas de inteligência e imaginação extraordinárias, não seria dada se quer a oportunidade de aprender “gramática e lógica, quanto menos ler Horácio e Virgílio”. E ao ser vista com livros na mão, possivelmente “os pais entravam e lhe diziam que fosse remendar as meias ou cuidar do guisado e que não andasse no mundo da lua com livros e papéis” (WOOLF, 1929, p. 59). Realidade que levou Christine de Pizan a criar a “Cidade das damas”, obra que possivelmente seja a primeira a ser escrita profissionalmente por uma mulher no Ocidente, ainda no século XV, o que a fez uma exceção em meio a tantas mulheres que tiveram sua arte literária silenciada. Na cidade criada por Pizan, ela vai arquitetando lugares para os mais diversos tipos de mulheres, que são elas próprias parte da estruturação desse lugar de “utopias”, onde as mulheres têm vez, são protagonistas e suas vozes não são silenciadas (PIZAN, 2012).

A obra de Pizan (2012) só é considerada utópica, porque em pleno século XXI as mulheres ainda precisam buscar (de)marcar seus lugares. Muito embora tenha havido mudanças, ainda se tem um longo caminho a percorrer para que a mudança nesse cenário, que se inicia, de forma mais contundente, a partir das lutas travadas por mulheres, a nível mundial, pela busca de espaços, sendo um deles o espaço na escrita literária. Como observa Silva (2000, p. 15) o movimento feminista contribuiu, “de forma particular, para diminuir a divisão entre as chamadas Humanidades e as Ciências Sociais, ao fazer com que categorias literárias e preocupações estéticas sejam relacionadas com questões sociais”. Fato percebido pelo crescimento exponencial de escritoras de renome internacional, como as *best sellers* Agatha Christie e J. K. Rowling. Nomes como: Angela Davis, Margaret Atwood, Maya Angelou, Malala Yousafzai, Rebecca Solnit, Bell Hooks, Chimamanda Ngozi Adichie, bem como as brasileiras Fernanda Young Maria Valéria Rezende, Djamila Ribeiro e Clara Averbuck, se destacam tanto pela

participação da mulher nesse fazer artístico quanto pelas valiosas contribuições com o protagonismo feminino.

O objetivo deste artigo é traçar uma análise das emoções implícitas, motivadas por um contexto de violência simbólica⁵, em desfavor da mulher retratada no conto “Progressões de Balcão”, de Clara Averbuck. A análise se deu à luz de estudos sobre literatura contemporânea, como Eagleton (2006), Todorov (2012), Pellegrini (2012), Schøllhammer (2009, 2012), dentre outros; sociologia e antropologia social, como: Becker (2008), Elias e Scotson (2000), dentre outros; e de colaborações acerca de identidade de gênero, como: Silva (2000, 2015) e Adichie (2015) e Ribeiro (2018), com enfoque para as formas de participação da mulher em sociedade, os entraves à sua autonomia e protagonismo, o tratamento a ela empregado, suas complicações e suas emoções. Inicialmente, apresentamos breves considerações acerca da literatura contemporânea; em seguida, fazemos uma análise mais aprofundada do conto objeto deste estudo; e, por fim, algumas reflexões finais.

A Literatura Vai à Vida: breves considerações sobre a Literatura Contemporânea no Brasil

As tentativas de conceituar a literatura perpassaram (e perpassam) por percursos tortuosos ao longo do tempo. Sobre esse impasse, Eagleton (2006, p. 24) se posiciona no sentido de que, dada a impossibilidade de situar a literatura em termos objetivos, descritivos, também não é viável afirmar que literatura é o que “caprichosamente, queremos chamar de literatura”. Por isso, nesse cenário marcado por dificuldades conceituais, Perrone-Moisés (2016, p. 17) traz à baila temas como “o fim da literatura” e outros “fins”, mas alerta para o fato de que “essas mortes anunciadas” nada mais são do que “índices de mutações”. Um dos exemplos de mutação é presença da mulher idealizada/endeusada no Romantismo; depois uma mulher “mais real” no Romantismo, porém com uma tendência para a

⁵ De acordo com Bourdieu (2015, p. 25), trata-se da “violência suave que ocorre onde se apresentam encobertas as relações de poder que regem os agentes e a ordem da sociedade global. Nesse sentido, o reconhecimento da legitimidade dos valores produzidos e administrados pela classe dominante implica o ‘desconhecimento’ social do espaço, onde se trava, simbolicamente, a luta de classes.

desqualificação, seja porque trai, seja porque possui valores questionáveis; e só no Contemporâneo foi possível uma leitura que auxilia a pensar a mulher em seus espaços e não-espaços.

Nessa seara, ou a literatura se afasta das temáticas presentes no mundo contemporâneo, expondo seus frutos (as obras literárias) à condição de “perigo⁶”, ou as encara e assume a possibilidade de incluir as experiências vividas pelo leitor e conduzi-lo ao descobrimento de “mundos que se colocam em continuidade” com realidades que lhes “permite melhor compreendê-las” (TODOROV, 2012, p. 23). Para tanto, e num contexto de pós-modernidade, essa literatura que objetiva – nos termos de Todorov, “ajudar o leitor a viver” ou até mesmo não lhe preservar “das feridas do mundo real” –, deve tencionar ser “mais densa e mais eloquente que a vida cotidiana, mas não radicalmente diferente”, já que “longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano” (TODOROV, 2012, p. 23-24).

Em se tratando de século XXI, essa densidade literária de que fala Todorov, de alguma forma, apontaria para o que Agamben (2009, p. 65) denomina como capacidade de “perceber no escuro do presente essa luz que procura nos alcançar mas não pode fazê-lo”, já que a contemporaneidade também pode ser entendida como o vínculo que cada um mantém com o seu próprio tempo, seja esse tempo histórico (o factual) ou ideológico (o objetivado, imaginado). Como efeito dessas características mutantes, Perrone-Moisés (2016, p.112) indica que o romance foi, por muitas vezes, “declarado morto” quando, de fato, ele era mais um sobrevivente de “todas as transformações sociais e artísticas do século XX”. E mais, com capacidade de “absorver todo tipo de estilo, prosaico ou poético, e de continuar revelando aspectos da realidade que escapam à hiperinformação das mídias” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 112).

Se na seara da literatura contemporânea global os movimentos sociais frenéticos, notadamente potencializados por uma globalização desenfreada,

⁶ Todorov (2012) alerta para o fato de que a literatura tem andado na direção oposta à realidade em que se insere, enquanto, na verdade, o leitor (ou até mesmo o consumidor dos seus produtos) anseiam por uma literatura que tenha alguma conexão com as suas vidas, de modo que a leitura tenha algum sentido à sua existência. Para aprofundar sobre o tema, Cf. TODOROV, Tzvetan. *A Literatura em Perigo*. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2012.

encerram dilemas estéticos, no Brasil, o caráter anfíbio⁷, nos termos de Santiago (2002), acrescenta-lhe particularidades que enredam ainda mais as compreensões dessa arte. O autor atribui como motivador dessas características o contexto socioeconômico, político e cultural do nosso país. E acrescenta que,

caso a educação não tivesse sido privilégio de poucos desde os tempos coloniais, talvez tivéssemos podido escrever de outra maneira o panorama da Literatura brasileira contemporânea. Talvez o legítimo não tivesse tido necessidade de buscar o espúrio para que este, por seu turno, se tornasse legítimo. Talvez pudéssemos nos ater apenas a dois princípios da estética: o livro de literatura existe *ut delectet* e *ut moveat* (para deleitar e comover). Pudéssemos nos ater a esses dois princípios, e deixar de lado um terceiro princípio: *ut doceat* (para ensinar) (SANTIAGO, 2002, p. 20).

Esses e outros fatores movimentam a literatura brasileira ora para a direção da estética, ora para o engajamento político. A respeito das mudanças ocorridas no cenário da produção literária no Brasil, especialmente após o Golpe Militar, importa ressaltar as considerações de Silverman (2000), sobre o fato de que, pelo menos do pós-1964 até os anos 80, a ficção brasileira se deu como forma de protesto. O autor explica que tal definição deve ser considerada de modo complexo, cuja ocorrência se dá por motivos diversos em situação de interdependência. E acrescenta que nessas obras

quando examinados desapaixonadamente e num contexto mais amplo, esses fenômenos socioeconômicos e, além de tudo, políticos, que influenciaram a produção literária, são consequências das dores de crescimento do Brasil, refletindo uma preocupação permeável e inconsciente com o caráter nacional [...] ampliada pelas dimensões continentais do país e certamente exacerbada pelo golpe militar (SILVERMAN, 2000, p. 417).

Essas situações, de acordo com Silverman (2000, p. 428), continuaram influenciando a literatura brasileira com o passar dos tempos, em particular com

⁷ Silviano Santiago (2002, p. 21) utiliza o termo “literatura anfíbia” para indicar que no Brasil “a literatura é um campo em que a estética - seu componente cosmopolita - é inseparável da política - seu componente nacional”. Isso confere à nossa literatura um caráter híbrido, ou anfíbio.

“objetivo persistente de revelar a outra realidade do país”, e chama a atenção para a forma como na literatura nacional, até os anos 90, o herói era normalmente retratado: ora como “completamente marginalizado”, ora como “mais e mais o anti-herói”. Nesse novo formato literário,

a distinção entre o autor e o narrador convencional se confunde (como ocorre com o espaço entre ele e o leitor, nos textos mais carnavalizados); o tratamento de antigos tabus sexuais e políticos há muito tornou-se um lugar-comum; e a linguagem escrita, tradicionalmente estável, se move em direção da apimentada espontaneidade da palavra falada [...] Ele expôs à luz do sol e denunciou as realidades obscenas nas quais a nação estava submersa. Ele projetou a dor através do riso, as complexidades do presente através da simplicidade do passado (ou do futuro) e a frustração coletiva através da angústia individual. E assim o fez, muitas vezes, pagando um preço elevado, tanto artístico quanto pessoal (SILVERMAN, 2000, p. 428-429).

Também nesse sentido, merece relevo os estudos que tratam da importância da narrativa literária como forma de resistência. Primeiro, em esforço sintético de definição, resistência é uma concepção de origem ética e não estética, cuja significação mais profunda “apela para a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia. O cognato próximo é *in/sistir*; o antônimo familiar é *de/sistir*” (BOSI, 2002, p. 118). Por esse prisma, no âmbito da arte literária, essa resistência se inicia pelas “potências do conhecimento” propiciadas pela arte, via: “intuição, imaginação, percepção e memória”. Na prática, esses fatores proporcionam um encontro da narrativa com “a vida verdadeira”, abraçando-a e transcendendo a “vida real” (BOSI⁸). Já no século XXI, e em constante evolução, temáticas de protesto, de resistência e de engajamento aos fatores sociopolíticos, econômicos e culturais, que caracteriza o formato que Santiago (2002) denomina como “anfíbia” ou “híbrida”, ainda persistem na literatura brasileira, inclusive potencializadas pelas possibilidades

⁸ Id., 2002, p. 118-135. Bosi ensina que assim, a “literatura, com ser ficção, resiste à mentira. É nesse horizonte que o espaço da literatura, considerado em geral como o lugar da fantasia, pode ser o lugar da verdade mais exigente”.

das tecnologias e da globalização. Assim, do livro físico ao *blog*, a literatura, mutante, vai se adaptando aos novos contextos.

Existem casos de escritores que iniciaram seus experimentos aí e só depois foram integrados às editoras, como, por exemplo, Ana Maria Gonçalves (*Ao lado e à margem do que sentes por mim*, 2002), Ana Paula Maia (*Entre rinhas de cachorro e porcos abatidos*, 2009), Daniel Galera (*Dentes guardados*, 2001) e Clarah (*sic*) Averbuck (*Máquina de Pinball*, 2002). Segundo depoimento da Averbuck, o blog "Brazileira!Preta" serviu para divulgar seu primeiro livro, *Máquina de pinball*, escrito anteriormente [...] Certamente poderemos apontar a popularidade das formas ultracurtas de minicontos e das estruturas complexas e fragmentadas como um sintoma, mas também o hibridismo crescente entre a escrita literária e a não literária, seja jornalística e pública, seja pessoal e íntima. De modo geral, percebe-se, nos escritores da geração mais recente, a intuição de uma impossibilidade, algo que estaria impedindo-os de intervir e recuperar a aliança com a atualidade e que coloca o desafio de reinventar as formas históricas do realismo literário numa literatura que lida com os problemas do país e que expõe as questões mais vulneráveis do crime, da violência, da corrupção e da miséria (SCHÖLLHAMMER, 2009, p. 12-14).

Inserido nesse novo mundo de novos formatos da arte literária, "Progressões de Balcão" (Clara Averbuck, 2020), objeto de análise deste trabalho, é um conto que reúne muitos elementos da literatura moderna do Brasil e carrega em seu bojo as marcas de uma arte que, contaminada pelo hibridismo, coloca em evidência a necessária tônica do feminismo e seus entraves sociais.

Qualificada por não seguir a receita cultural: a mulher de "Progressões de Balcão", seu (não) lugar, sua (não) liberdade, suas emoções

Progressões de Balcão é um conto que expõe um incidente com uma figura feminina que ocupa, desacompanhada, um espaço físico socialmente convencionado como "normal" para homens. Os diálogos ocorrem "no bar" (AVERBUCK, 2020, p. 1). No cenário, um balcão e uma mulher tomando uma cerveja, que estava sozinha até sofrer uma intervenção de um homem com reiterados questionamentos. A

narrativa decorre por meio de discurso direto em primeira pessoa do singular e com linguagem pouco formal, remontando à ideia de metaficção⁹ “sou escritora”, “livros”, “livros de histórias”, “os dois”, “das ruas. Da vida. Sei lá, as ideias vêm” e “vivo de escrever várias coisas” (AVERBUCK, 2020, p. 2-3), entrelaçando também características do gênero dramático (fala entregue aos dois personagens e enredada nos moldes de uma encenação teatral).

Nos desdobramentos do conto, o narrador, cuja presença no conto parece propositalmente esmaecida para dar relevo ao diálogo entre os dois personagens, possivelmente uma tentativa de aproximação e identificação do leitor, conduz a narrativa em quatro momentos, aqui entendidos como as progressões ou agravamentos gradativos dos diálogos. No primeiro, situa o espaço-tempo, ao apontar a referência “No bar:”, ou o palco do embate. No segundo, destaca um momento de ausência de diálogo – silêncio – apontando para uma pausa do primeiro assédio (*round* um), no qual pairava ainda um ar de conquista, construído por meio de diálogos estereotipados como em “– Tá sozinha?” ou ainda em: “– Aceita companhia?”, cuja resposta “— Mulher, meu querido, tem que ser como quiser” (AVERBUCK, 2020, p. 2-3) demarca o fim do *round* dois. No terceiro momento, sinaliza tanto uma ação do personagem feminino “*Suspiro*” quanto um estado de espírito em relação aos repetidos comportamentos machistas, ou seja, um cansaço da personagem feminina em virtude do reiterado assédio do personagem masculino. No último momento, “— Tchau, moço” designa o fim do último *round*, fato ratificado pela interposição do narrador: “Paz, enfim.” (AVERBUCK, 2020, p. 1-5), assinalando o possível estopim das agressões verbais suportadas pela personagem feminina, cessando a narrativa, juntamente com a relação de machismo e violência a que a personagem feminina foi submetida. Outrossim, o espaço físico do bar pode ser também uma metáfora do (não) lugar ocupado pela mulher em sociedade, de limitada liberdade, de opressão e de submissão.

Isto posto, analisamos a questão do feminismo e as emoções implícitas em cada uma das partes do conto, pela perspectiva da literatura, dos estudos em sociedade, bem como sua intersecção com fatores psicossociais e emocionais

⁹ Trata-se da “capacidade que a literatura tem de referir-se a si mesma em um processo autoconsciente e autorreflexivo” e que tem ganhado relevo “em discussões teórico-críticas e, principalmente, na produção literária de vários escritores de nosso tempo” (AZERÉDO; GOMES, 2015, p. 2).

femininos. O primeiro trecho é marcado por um diálogo quase monossilábico, podendo ser balizado como uma conversa que começou com tom invasivo “— Tá esperando alguém?”, já que não houve sequer um cumprimento cortês inicial por parte do homem. Já a frase que encerra o trecho surge como uma justificativa “— Porque eu quis, moço” (AVERBUCK, 2020, p. 2) de uma pessoa que, em condições de liberdade, precisa dar a esse invasor. Uma das possíveis justificativas para essa atitude tem a ver com o fato de que “quem está no poder manipula as emoções para vencer conflitos preventivamente, antes que eles possam entrar abertamente em erupção” (LINDNER, 2013, p. 824). Nessa direção, a hegemonia do poder simbólico do homem sobre a mulher – seja ele “poderoso” de fato ou um “sucessivamente enganado”, nos termos de Lindner (2013) –, intensifica os atos de poder e/ou presunção de poder (como a prática do machismo) até extremos, como a negação das emoções humanas, a exemplo do que faziam, no passado, as elites detentoras do poder, que tratavam “seus subordinados como ferramentas sem vida, e, na melhor das hipóteses, como animais domesticados” (LINDNER, 2013, p. 224).

A familiaridade que a cena imaginária e os diálogos despertam no leitor remonta às características do realismo literário. De acordo com Pellegrini (2012, p. 11), trata-se de uma “representação da realidade, ou seja, a intenção realista”, herdada da literatura ocidental, inclusive anterior ao seu desenvolvimento na França, considerada como oposição ao “Romantismo, vale dizer, o Realismo com maiúscula, como ‘escola’ ou ‘movimento’, de lastro francamente positivista”. No caso da literatura brasileira, isso se deve “ao peso do sentimento de missão, que acarretava a obrigação tácita de descrever a realidade imediata, ou exprimir determinados sentimentos de alcance geral” (CANDIDO, 2007, p. 28).

Ao produzir uma aproximação da arte literária ao meio social, o exterior representado pela sociedade não deve ser considerado somente como fundamento ou como sentido, mas como um integrante que age no alicerce da arte e, por isso, é intrínseco a ela (CANDIDO, 2000, p. 14). Por isso, tanto os estudos de base da literatura, quanto a obra propriamente dita, integram um tecido social composto por indivíduos que, dentre outros anseios, conforme explica Badiou (2004, apud

SCHØLLHAMMER, 2012, p. 130) têm “paixão pelo real¹⁰”. Para além da fruição estética, ao se aproximar da realidade, a literatura amplia as possibilidades de debates tanto relacionados com a representação do real (a existência de fato) quanto a sua problematização (como e por que existe? Quais as implicações? Por que uma mulher teria que pedir para ter o direito de “continuar em silêncio”, apreciando uma “cerveja com 10% de álcool¹¹” paga por ela mesma? entre outros questionamentos). Em contato com essas obras, o leitor terá a oportunidade de apreciá-las isoladamente como arte, mas também pode relacionar, confrontar, comparar, julgar, problematizá-las, ainda que no campo do imaginário, acrescentando essas experiências literária à sua vida prática.

Mais adiante, a palavra “silêncio”, indicando a indisposição da mulher em continuar com a conversa, abre os diálogos que progridem de pouco amistosos para um nível ainda mais inoportuno. Do afetivo ao profissional “— O que você faz?”, o emprego de questionamentos e julgamentos sobre o modo “desencaixado” de comportamento dela se transforma numa conversa ofensiva “— Assim você não vai conseguir homem”. Na contramão do que desejava a mulher em termos de diálogo amigável e com considerações infames acerca de seu ofício, o homem ainda acresce ao seu discurso algumas tentativas de enquadrá-la¹². Sobre essas afrontas do homem, importa lembrar a questão da religiosidade no Cristianismo, em que

a ‘tensão’ entre um corpo feminino ‘diabolizado’ e um corpo masculino ‘endeusado’ ficaria latente no período, porque de início o corpo na Idade Média foi renunciado.

¹⁰ Ainda segundo ele, esse sentimento “une a esfera artística e política, principalmente na técnica de distanciamento em que o alvo é radicalizar a diferença entre o real e sua encenação e problematizar os elos “íntimos e necessários” que unem o real com a semelhança [...] Contra o otimismo cognitivo do positivismo do século XIX, a arte e a literatura do século XX desdobrou o tema da eficiência do reconhecimento errôneo — “descobrir e encenando o poder extraordinário da ignorância” (BADIOU, 2004, apud SCHØLLHAMMER).

¹¹ Trecho de “Progressões de Balcão” (AVERBUCK, 2020, p. 4). Em se tratando mais especificamente sobre o álcool, interessa considerar que dentre os motivos principais para o consumo estaria o fato de que a droga, de alguma forma, impulsiona ou recompensa, provocando sensações “de prazer, a remoção do desconforto, o aumento da interação social, além de ajudar a abolir lembranças desagradáveis”. Para além das consequências patológicas decorrentes do uso de álcool, no caso das mulheres, por serem consideradas “mais imorais”, e com “comportamentos inadequados”, isso implica também em problemas sociais (WILSNACK; WILSNACK; OBOT, 2005; GRIFFITH, 2005, apud SILVA; LYRA, p. 773). Ainda sobre esse assunto, Neves (2004, p. 25-34) explica que, a exemplo de outros comportamentos humanos, “o uso de álcool, incluindo o alcoolismo, pode ser visto de vários pontos de vista: médico, antropológico, religioso, moral ou sociológico, entre outros” que de todos os constrangimentos que essa prática pode ocasionar, “mais fortemente sobre as mulheres incidem”.

¹² “Mulher tem que ser simpática” aos moldes idealizados historicamente para o gênero feminino, ocasião em que encontra um discurso de resistência e de empoderamento feminino “Mulher, meu querido, tem que ser como quiser” (AVERBUCK, 2020, p. 2-3).

Controlar a sexualidade feminina, seus gestos, suas práticas, sua conduta na sociedade passariam a ser uma questão mediada pela Igreja e aceita pela sociedade (LE GOFF, 2006, apud ROIZ, 2010, p. 609).

Ainda nesse sentido, importa ressaltar as considerações de Woodward (2000) sobre a ideia de que a construção das identidades é, ao mesmo tempo, simbólica e social. Nesse trajeto, várias narrativas (artísticas ou não) contribuem tanto para construção histórica quanto para a manutenção de identidades que reforçam a supremacia e o “culto à masculinidade¹³”, especialmente aquela branca e com características europeias, ocupam lugar de destaque.

Os homens tendem a construir posições-de-sujeito para as mulheres tomando a si próprios como ponto de referência. A única menção a mulheres, neste caso, é às “garotas” que eles “namoravam”, ou melhor, que foram “namoradas” no passado, antes do surgimento do conflito. As mulheres são os significantes de uma identidade masculina partilhada, mas agora fragmentada e reconstruída, formando identidades nacionais distintas, opostas. Neste momento histórico específico, as diferenças entre os homens são maiores que quaisquer similaridades, uma vez que o foco está colocado nas identidades nacionais em conflito. A identidade é marcada pela diferença, mas parece que algumas diferenças - neste caso entre grupos étnicos - são vistas como mais importantes que outras, especialmente em lugares particulares e em momentos particulares (WOODWARD, 2000, p. 10-11).

Isto posto, é possível presumir que ao ter sua hegemonia máscula ameaçada “Não me chama de baby”, as progressões dos diálogos difamatórios disparados em desfavor da mulher “Estou começando a entender por que você é sozinha...”, “[...] seca desse jeito”, “mulher tem que ser simpática” e “assim você não vai conseguir homem” (AVERBUCK, 2020, p. 2-5), além de se apoiar em uma cultura de permissividades ampliada para homens e restrita para mulheres, funcionariam

¹³ Cf. SILVA, Sergio Gomes da. Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 20, n. 3, pág. 8-15, setembro de 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932000000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 11 ago. 2020. O estudo, desenvolvido principalmente pelo aspecto da psicologia, aborda a perspectiva histórica do conceito de masculinidade e de como se deu culturalmente essa trajetória, mostrando que “da teoria do monismo e dualismo sexual, passando pelo culto à masculinidade e finalmente chegando aos movimentos de minorias sociais da década de 60 até hoje, tornou-se comum questionar como diferenças entre homens e mulheres, baseando em uma hegemonia sexista e de gênero” (SILVA, 2000, p. 9).

como forma de (auto)compensação diante do insucesso da investida. Considerando-se a concepção neurocientífica de Damásio (2003, apud LINDNER, 2013, p. 843) acerca das emoções como “um conjunto complexo de respostas neurais que formam um padrão distinto”, que procura aliar o corpo às “circunstâncias favoráveis à sobrevivência e ao bem-estar”, é possível imaginar que o emocional do homem inclinava-se para seu próprio bem-estar – a exemplo dos “pastores egoístas” de que fala Greene (2018, p. 33), para quem a moralidade só é útil quando em benefício próprio –, enquanto a mulher ativava o modo de sobrevivência, perante a persistente cultura do patriarcado. Sobre esse assunto, Hochschild (2003, apud BONELLI, 2003, p. 357) afirma que a função das emoções é mais intensa para os subordinados e submissos do que para os superiores e dominadores. Do mesmo modo, na concepção de gênero, é mais forte entre as mulheres do que entre os homens. Nesse contexto, é importante considerar as concepções sobre violência psicológica.

Violência psicológica é toda ação ou omissão que causa ou visa causar dano à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa. Inclui: insultos constantes, ameaças, humilhações, chantagem, cobranças de comportamento, discriminação, exploração, crítica pelo desempenho sexual, privação arbitrária da liberdade. Dentre as modalidades de violência, é a mais difícil de ser identificada. Apesar de ser bastante frequente, ela pode levar a pessoa a se sentir desvalorizada, sofrer de ansiedade e adoecer com facilidade, situações que se arrastam durante muito tempo e, se agravadas, podem levar a pessoa a provocar suicídio (BRASIL, 2001, p. 20-21).

Com o personagem masculino avançando na corrosividade de suas ofensas, e introduzido com um “suspiro”, o último trecho é marcado pela transgressão injustificada e atitudes hostis por parte do homem. Do indicativo de paquera (início do conto) às sórdidas ofensas pessoais “— Ih, sabia. Feminista não gosta de homem. / — Aff, fica à vontade, ô mal comida. / — Logo vi que era assim, sentada aqui com essa cara. Também, gorda desse jeito, ninguém deve querer. / — Puta.” (AVERBUCK, 2020, p. 4). Em perspectiva ampliada e de caráter multidisciplinar das emoções, o estudo de Lindner (2013, p. 825) sugere que experiências

humilhantes, como no caso da situação vivenciada pela personagem feminina do conto em tela, tendem a ser difíceis de controlar, já que “são frequentemente lembradas ano após ano, com veemência e, muitas vezes, obsessivamente, e com grandes detalhes”. Para ela, a humilhação e o medo da humilhação são "a bomba nuclear das emoções". Algumas abordagens¹⁴ em feminismo e resistência, estabelecidos e *outsiders*, podem contribuir para melhor entender o trajeto comportamental do personagem masculino retratado no conto e seus possíveis efeitos na prática.

Sobre as perspectivas das lutas feministas, parte-se da premissa de que o “mundo social está feito de acordo com os interesses e as formas masculinas de pensamento e conhecimento” (SILVA, 2015, p. 93). Para esclarecer melhor esse fenômeno, Silva (2015, p.93) propõe um método didático que consiste na seguinte comparação: primeiro divide-se os gêneros em termos de altura; depois supõe-se a divisão do mundo em duas partes (metade alta e metade muito baixa); por fim, supõe-se que o mundo esteja feito no formato ideal para as pessoas altas. Assim,

parece evidente que qualquer reivindicação de igualdade por parte das pessoas baixas não poderia se limitar a ganhar acesso a esse mundo talhado à medida das pessoas altas, mas deveria tentar modificar esse próprio mundo para que ele refletisse também as experiências das pessoas mais baixas. Os arranjos sociais e as formas de conhecimento existentes são aparentemente apenas humanos: eles refletem a história e a experiência do ser humano em geral, sem distinção de gênero. O que a análise feminista vai questionar é precisamente essa aparente neutralidade – em termos de gênero – do mundo social (SILVA, 2015, p.93).

Se o simples fato de uma mulher desacompanhada, em condições plena de liberdade e de livre arbítrio, ocupar um determinado ambiente e realizar um desejo pessoal (sentar-se ao balcão e beber uma cerveja) parece ter conferido a um homem a prerrogativa de adjetivá-la como solitária, antipática, emburrada, feminista, gorda, puta, mas o contraditório – a mulher adjetivar igualmente um homem sozinho sentado ao balcão de um bar – é difícil de conceber, então os debates sobre

¹⁴ Esses termos são normalmente abordados em áreas de filosofia (social), sociologia, antropologia (social), psicologia (social). Para aprofundamento de temas como: a) estabelecidos e *outsiders*, Cf. ELIAS; SCOTSON, 2000 e BECKER, 2008.; c) feminismo e resistência, Cf. ADICHIE, 2015, SILVA, 2000 e RIBEIRO, 2018.

direitos individuais e de acesso devem recair principalmente sobre o caráter sociocultural e os privilégios nas relações de gênero, inclusive com atenção para as consequências nocivas destes comportamentos. Isso implica que além das pautas sobre direitos e equivalência de valores entre os gêneros, deve haver uma revisão cultural sobre as implicações do machismo na prática, já que os benefícios resultantes dessas iniciativas não se limitam ao grupo feminino, uma vez que

o modo como criamos nossos filhos homens é nocivo: nossa definição de masculinidade é muito estreita. Abafamos a humanidade que existe nos meninos, enclausurando-os numa jaula pequena e resistente. Ensinamos que eles não podem ter medo, não podem ser fracos ou se mostrar vulneráveis, precisam esconder quem realmente são – porque eles têm que ser, como diz na Nigéria, *homens duros* (ADICHIE, 2015, p. 29).

Nesse sentido, Braz (2005, p. 100) cita Money & Ehrhardt (1982) para alertar que as abordagens de gênero sinalizam para uma maior dificuldade na “construção” do homem do que uma mulher, em decorrência das instabilidades pelas quais atravessa pessoas do sexo masculino para a composição de sua identidade e subjetividade, desde a infância até a maior idade viril, ou seja, os “perigos começam desde a constituição biológica, perpassando a existência física, psicológica e sociocultural masculina”. Dentre as consequências, está o fato de que

a concepção popular de que o homem é o sexo forte perdeu sua força e ele pode, na verdade e num certo sentido, ser reconhecido como o sexo fraco, pelo menos em alguns aspectos, pois seria vítima de uma série de fragilidades, tanto físicas quanto psíquicas (FOGEL et al., 1989; SEGAL, 1990, apud BORIS; BLOC; TEÓFILO, 2012, p. 19).

Em defesa de uma masculinidade viril, o homem despiu-se de sua sensibilidade para, ainda que involuntariamente, (tentar) ferir a honra e a imagem da mulher sem, contudo, se importar com os sentimentos dela, lançando mão de formas nocivas, ao invadir o território de direito da mulher e estipular deveres e sentenciar regras, não porque queria necessariamente o bem dela, mas para que, afinal de contas, ele obtivesse as vantagens que idealizou para si. Inclusive, esse

poder que o homem exerceu sobre a mulher pode indicar uma das pressuposições da violência, como o caso da agressão à mulher de que fala Walker (1979, apud CARDOSO, 2008, p. 261), que ocorre por meio de dano físico, sexual ou psicológico ou qualquer prática em que o homem submete a mulher a realizar algo contra a sua própria vontade, apenas para satisfazê-lo, sem se importar com seus direitos ou desejos. Nesse sentido, Ballone (2008, apud SILVA; ASSUMPCÃO, p. 103), explica que essa violência normalmente se caracteriza por: desprezo, humilhação, desvalorização, marginalização, insulto entre outros. Além disso, quando atingem a vítima, “essas agressões a ferem moralmente e trazem consequências para a vida toda” (SILVA; ASSUMPCÃO).

Em seu estudo sobre a repercussão dos vários tipos de violências (física, emocional, psicológica, verbal) sofridas por mulheres, Santos e Moré (2011, p. 232), explicam que:

Entre as reações comportamentais e emocionais padecidas pelas entrevistadas em função da violência sofrida, foram citadas a ocorrência de desânimo, dores de cabeça, insônia, angústia, ansiedade, choro frequente e instabilidade de humor. Além das reações descritas, elas também relataram terem sofrido repercussões físicas em função do abalo emocional com a situação vivida, como queda de cabelo, falta de apetite, perda acentuada de peso e o aparecimento de hematomas pelo corpo.

Já os estudos de Adeodato et al. (2005, p. 111), sobre a qualidade de vida de mulheres agredidas por seus parceiros, apresentou os seguintes resultados no que diz respeito aos efeitos posteriores às agressões:

os achados gerais do estado psicológico dessas mulheres foram: 65% apresentaram escores elevados em sintomas somáticos; 78% em sintomas de ansiedade e insônia; 26% em distúrbios sociais; 40% em sintomas de depressão e 61% apresentaram pontuação em Beck acima de oito, o que sugere depressão moderada ou grave.

Também nesse sentido, um estudo realizado com dezesseis mulheres vítimas de algum tipo de violência por seus companheiros, Netto et al. (2014, p. 458) constataram que dentre as consequências emocionais/psicológicas/físicas

posteriores às agressões, estavam: “distúrbios do sono, alimentação inadequada, falta de energia, dores pelo corpo, hematomas, escoriações, síndrome do pânico, tristeza, solidão e baixa autoestima, que determinaram danos psicoemocionais e físicos”. Ainda sobre as consequências da violência contra a mulher, é importante entender os aspectos das relações de gênero e poder e influência nessas práticas, uma vez que

os papéis impostos às mulheres e aos homens, consolidados ao longo da história e reforçados pelo patriarcado e sua ideologia, induzem relações violentas entre os sexos e indica que a prática desse tipo de violência não é fruto da natureza, mas sim do processo de socialização das pessoas. Ou seja, não é a natureza a responsável pelos padrões e limites sociais que determinam comportamentos agressivos aos homens e dóceis e submissos às mulheres. Os costumes, a educação e os meios de comunicação tratam de criar e preservar estereótipos que reforçam a ideia de que o sexo masculino tem o poder de controlar os desejos, as opiniões e a liberdade de ir e vir das mulheres (TELES; MELO, 2003, apud MOREIRA; BORIS; VENÂNCIO, 2011, p. 399).

Os estudos acerca dos estabelecidos e *outsiders* também contribuem para as discussões sobre violência, discriminação e exclusão social. Para a análise em tela, utilizou-se o termo “estabelecidos” para além da ideia de delinquência juvenil¹⁵, de Elias e Scotson (2000), especialmente como pessoas “com virtude humana superior”, enquanto, inversamente, *outsiders*, são tidas como “pessoas de menor valor humano”. Sobre *outsiders*, convém acrescentar as contribuições de Becker (2008), segundo o qual o referido grupo pertence à área conhecida atualmente como desvio social. Ele explica que quando uma “regra é imposta, a pessoa que presumivelmente a infringiu pode ser vista como um tipo especial, alguém de quem não se espera viver de acordo com as regras estipuladas pelo grupo. Essa pessoa é encarada como um *outsider*” (BECKER, 2008, p. 15). Essas regras, além do aparato legal que sujeita todos os indivíduos de um determinado grupo ou determinada nação, também se manifestam de modo implícito por meio das convenções sociais

¹⁵ Inicialmente concebido com o propósito de identificar os níveis de delinquência entre jovens de bairros distintos da fictícia Winston Parva, Elias e Scotson (2000) ampliaram o foco dos estudos, para contemplar problemas mais amplos da mesma comunidade.

informais. Sobre este último caso, um exemplo é que “pode” um homem, sozinho, sentar-se ao balcão de um bar e tomar uma cerveja sem que isso signifique indecoro, mas uma mulher nessas mesmas condições, tende a ser considerada vulgar, imoral, indecente, alvo das várias “proibições” associadas à mulher, dentre as quais:

a mulher decente não deve erguer a voz. O sorriso é limitado. Em certas ocasiões, pode chorar, coisa proibida ao homem. Sua aparência deve exprimir a fortuna do marido – consumo vicário (PERROT, 2003, apud FERNANDES, 2009, p. 1058).

Por esses e outros motivos, Fernandes (2009, p.1062) cita Citeli (2001) para advogar a desconstrução de metáforas de gêneros que promovem a desvalorização das mulheres, de modo que se possa identificar “que estas são mais fortes, mais resistentes e mais ativas sexualmente do que se imaginava”.

Afora as considerações de Becker e retomando as concepções de Elias e Scotson, o termo “aristocracia” é literalmente empregado como modelo para a relação estabelecido *versus outsiders*. Os autores explicam que em Atenas o termo tinha significado literal: “dominação dos melhores”.

Quer se trate de quadros sociais, como os senhores feudais em relação aos vilões, os “brancos” em relação aos “negros”, os gentios em relação aos judeus, os protestantes em relação aos católicos e vice-versa, **os homens em relação às mulheres** (antigamente), os Estados nacionais grandes e poderosos em relação a seus homólogos pequenos e relativamente impotentes [...] Mais ainda, em todos esses casos, os indivíduos “superiores” pode fazer com que os próprios indivíduos inferiores se sintam, eles mesmos, carentes de virtudes – julgando-se humanamente inferiores (ELIAS; SCOTSON, 2000, p.19-20, ênfase acrescentada).

Não é difícil de imaginar, por exemplo, que muitas mulheres brasileiras encontrem alguma semelhança com a fictícia personagem feminina de “Progressões de Balcão”, seja em sua versão mais resistente, sem se deixar abater, a princípio, pelos danos emocionais que reiteradas agressões verbais podem suscitar, objetiva a não invasão de espaços e não imposição de regras (AVERBUCK, 2020, p. 4), seja “explodindo emocionalmente”, em decorrência das ofensas.

Na seara das lutas feministas, como afirma Hochschild (2003, apud BONELLI, 2003, p. 368), uma revolução de gênero requer inicialmente uma cultura “leve, que dê espaço cultural para as mulheres moverem-se ao redor”, mas para concluir essa revolução, terá de ter apoio de uma cultura “mais pesada”, ou seja, amparado pela sociedade em geral. Essas e outras mudanças servem para reduzir as violências geradas pelos equívocos que despontam no que Ribeiro (2018) chama de “opiniões que matam”.

Chamar feministas de “feminazi”, além de demonstrar uma clara ignorância histórica, corrobora com o sistema machista. Uma pessoa que conhecesse minimamente o feminismo jamais diria tal coisa. É mais fácil xingar a colega do que admitir que se beneficia do sistema corrente. Reconhecer o privilégio de ser homem implica mudança de atitude e de comportamento, e sabemos que muitos nem sequer cogitam essa possibilidade. Invocar o conceito de igualdade abstrata quando, concretamente, é a desigualdade que se verifica é se omitir da responsabilidade de lutar por uma sociedade mais justa (RIBEIRO, 2018, p. 22).

Desse modo, ser feminista, em um país culturalmente marcado pela desigualdade de gênero, requer acima de tudo bravura e resistência, para que as qualificações (antipática, mal comida, gorda, puta, feminista) e outros entraves não retire nem corroa as esperanças diante das batalhas em busca dos direitos pela equidade de gênero.

Considerações finais

No bojo das lutas feministas, a literatura, feita por, para e sobre mulher, plena de seus direitos enquanto ser humano, desponta como um importante instrumento de resistência, protesto e afirmação do protagonismo feminino. Funcionando como um espelho, nos termos de Abrams (2010), essa arte traz para a superfície a existência feminina, juntamente com suas dores, alegrias, emoções, desejos, angústias, dilemas e, frente à realidade, pode inspirar e mover outras pessoas na direção da revisão e da recuperação histórica dessa figura que essa mesma história, voluntária ou involuntariamente, desfavoreceu.

Nesse trabalho, buscou-se apresentar as emoções implícitas, motivadas por violências simbólicas, vivenciadas pela mulher engajada nas lutas de sororidade feminina, por meio da análise do conto “Progressões de Balcão”, de Clara Averbuck, com suporte de abordagens temáticas na literatura contemporânea, além de estudos em sociologia, psicologia social, antropologia social e filosofia e saúde.

Acredita-se que os mais diversos estudos sobre feminismo, equidade de gênero, mulheres e suas emoções contemplam importantes contribuições para revisão, recuperação, correção, conscientização sobre problemáticas como invisibilidade feminina, antifeminismo, machismo, desvalorização da mulher, devastação psicológica e emocional e fatores que desestimulam lutas tão importantes, com objetivos tão simples, como é o caso do feminismo: que busca por igualdade de condições de vida e direitos entre os gêneros.

Referências

ABRAMS, M. H. *O Espelho e a Lâmpada: teoria romântica e tradição crítica*. Tradução de Alzira Vieira Allegro. São Paulo: Unesp, 2010.

ADEODATO, Vanessa Gurgel; CARVALHO, Racquel dos Reis; SIQUEIRA, Verônica Riquet de; SOUZA, Fábio Gomes de Matos e. Qualidade de vida e depressão em mulheres vítimas de seus parceiros. *Revista de Saúde Pública*. 2005, v. 39, n. 1, pp.108-113. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102005000100014&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 16 ago. 2020.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. Tradução de Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

AGAMBEN, Giorgio. “O que é o Contemporâneo?” In: *O que é o Contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

AVERBUCK, Clara. *Progressões de Balcão*. Disponível em: <<http://www.bpp.pr.gov.br/print/pdf/node/859>>. Acesso: 01 ago. 2020.

AZERÊDO, Genilda; GOMES, Caio Antônio de Medeiros Nóbrega Nunes. Marcas Reflexivas da Literatura Contemporânea em Conto (Não Conto), de Sérgio Sant’anna. *Scripta Alumni - Uniandrade*, Curitiba, n. 14, 2015. DOI: <<http://dx.doi.org/10.18304/1984-6614/scripta.alumni.n14p147-159>>. Acesso: 11 ago. 2020.

BECKER, Howard S. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Tradução de Maria Luiza X. de Borges. Rio de Janeiro: Zahar. 2008.

BONELLI, Maria da Gloria. Arlie Russell Hochschild e a sociologia das emoções. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 22, pág. 357-372, junho de 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332004000100015&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 15 ago. 2020.

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; BLOC, Lucas Guimarães; TEÓFILO, Magno César Carvalho. Os rituais da construção da subjetividade masculina. *O Público e o Privado*, v. 10, n. 19, 2012. Disponível em: <<http://seer.uece.br/?journal=opublicoeoprivado&page=article&op=viewFile&path%5B%5D=334&path%5B%5D=498>>. Acesso: 15 ago. 2020.

BOSI, Alfredo. *Literatura e Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *Escritos de Educação*. Tradução de Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. *Violência intrafamiliar: orientações para a prática em serviço*. Brasília: Ministério da Saúde, 2001. (Caderno de Atenção Básica, 8).

BRAZ, Marlene. A construção da subjetividade masculina e seu impacto sobre a saúde do homem: reflexão bioética sobre justiça distributiva. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 97-104, mar. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232005000100016&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 25 ago. 2020. DOI: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232005000100016>>.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2000.

CANDIDO, Antonio. *A formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.

CARDOSO, Nara Maria Batista. Psicologia e relações de gênero: a socialização do gênero feminino e suas implicações na violência conjugal em relação às mulheres. In ZANELLA, AV., et al., org. *Psicologia e Práticas Sociais*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. pp. 260-272.

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FERNANDES, Maria das Graças Melo. O corpo e a construção das desigualdades de gênero pela ciência. *Physis, Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p. 1051-1065, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312009000400008&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 17 ago 2020.

GREENE, Joshua. *Tribos Morais: a tragédia da moralidade do senso comum*. Tradução de Alessandra Bonrruquer. Rio de Janeiro: Record, 2018.

LINDNER, Evelin Gerda. “O que são emoções?”. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 12, n. 36, pp. 822-845, dezembro de 2013.

MOREIRA, Virginia; BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; VENÂNCIO, Nadja. O estigma violência da sofrida por mulheres na relação com seus parceiros íntimos. *Psicologia e Sociedade*, Florianópolis, v. 23, n. 2, pág. 398-406, agosto de 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822011000200021&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 16 ago. 2020.

NETTO, Leônidas de Albuquerque et al. Violência contra a mulher e suas consequências. *Acta Paulista de Enfermagem*, São Paulo, v. 27, n. 5, p. 458-464, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002014000500011&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 19 ago. 2020.

NEVES, Delma Pessanha. Alcoolismo: acusação ou diagnóstico? *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, pág. 7-14, fevereiro de 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2004000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 17 ago. 2020.

PELLEGRINI, Tânia. Realismo: modos de usar. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. Brasília, n. 39, p. 11-18, junho de 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182012000100001&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 07 ago 2020.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Mutações da Literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PIZAN, Christine de. *A Cidade das Damas*. Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne (trad.), Florianópolis: Editora Mulheres, 2012.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ROIZ, Diogo da Silva. O corpo no Ocidente Medieval. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 18, n. 2, pág. 611-614, agosto de 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2010000200019&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 21 ago. 2020.

SANTIAGO, Silviano. Uma literatura anfíbia. *ALCEU*. v. 3, n. 5 - p. 13 a 21 - jul./dez. 2002.

SANTOS, Ana Cláudia Wendt dos; MORÉ, Carmen Leontina Ojeda Ocampo. Repercussão da violência na mulher e suas formas de enfrentamento. *Paidéia*, Ribeirão Preto, v. 21, n. 49, p. 227-235, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2011000200010&lng=en&nrm=iso. Acesso: 16 ago. 2020.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. Realismo afetivo: evocar realismo além da representação. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 39, p. 129-148, 5 jun. 2012.

SILVA, Maria das Graças Borges da; LYRA, Tereza Maciel. O beber feminino: socialização e solidão. *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 39, n. 106, p. 772-781, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-11042015000300772&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 15 ago. 2020.

SILVA, Marisa Corrêia. Crítica Sociológica. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3 ed. Maringá: Eduem, 2009.

SILVA, Paula Coaglio de Miranda; ASSUMPÇÃO, Alessandra Almeida. Relação entre violência psicológica e depressão em mulheres: revisão narrativa. *Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, v. 3, n. 6, jul./dez. 2018.

SILVA, Sergio Gomes da. Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 20, n. 3, pág. 8-15, setembro de 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932000000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 11 ago. 2020.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias de currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SILVERMAN, Malcolm. *Protesto: e o novo romance brasileiro*. Tradução de Carlos Araújo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

TODOROV, Tzvetan. *A Literatura em Perigo*. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2012.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. São Paulo: Círculo do Livro, 1929.

Recebido em maio de 2020.
Aprovado em julho de 2020.